

**HORA DE OURO: PREVALÊNCIA E FATORES RELACIONADOS AO
PRIMEIRO CONTATO DA MÃE COM O BEBÊ EM MULHERES USUÁRIAS
DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE**

FROSSARD, I. B. [1]; GUIMARÃES, L. S. T. [2]; ANGELIN, K. [3]; ARAÚJO, J. M.; [4]; VILELA, N. [5]; RODRIGUES, M. E. C. [6]; BORGES, D. T. [7]; DA SILVA, S. G. [8].

A "hora de ouro" refere-se aos primeiros 60 minutos após o parto, quando o contato imediato entre mãe e bebê é incentivado. Esse período é crucial para fortalecer o vínculo iniciado na gestação e facilitar a transição do recém-nascido para o mundo externo. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo descrever a prevalência e analisar fatores sociodemográficos e clínicos relacionados a hora de ouro em usuárias do sistema único de saúde. Trata-se de um estudo transversal, realizado de dezembro de 2022 a agosto de 2023 com mulheres de idade igual ou superior a 12 anos, que possuíam filhos de até 2 anos de idade, assistidos em cinco unidades básicas de saúde pertencentes à rede de atenção primária de Passo Fundo, RS, sendo um recorte da pesquisa "Saúde da mulher e da criança no ciclo gravídico-puerperal em usuárias do Sistema Único de Saúde", aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul, sob o número 5.761.013. As informações de interesse foram coletadas por meio de entrevista face a face, nas dependências das unidades por entrevistadoras previamente treinadas. O principal desfecho avaliado foi a prevalência da hora de ouro, definida como o primeiro contato da mãe com o bebê após o nascimento. Como variáveis independentes foram avaliadas idade materna, cor da pele, renda, tipo de parto, prematuridade e morbidades gestacionais. Realizou-se estatística descritiva (n%) e análise da distribuição do desfecho segundo variáveis independentes por meio do teste do qui-quadrado adotando-se um nível de significância $p < 0,05$. A amostra foi composta por 256 mulheres, das quais 54,3% se autodeclararam brancas, 78,8% relataram renda familiar de até 2,5 salários-mínimos, e 69,9% tinham até 29 anos de idade. A prevalência de contato pele a pele entre mãe e bebê foi de 78,3% (IC95% 73-83). Observou-se uma maior ocorrência desse desfecho em partos vaginais em comparação às cesarianas ($p=0,011$). Além disso, a ausência de prematuridade foi associada a uma maior prevalência de contato pele a pele ($p=0,008$). Não foram encontrados valores estatisticamente significativos para as variáveis cor da pele, idade materna, comorbidades e complicações durante e após o parto em relação ao desfecho. Logo, os resultados deste estudo revelaram uma relação direta entre a prematuridade e o tipo de parto na ocorrência do desfecho, indicando que esses fatores desempenham um papel crucial na prática do contato pele a pele. Em contrapartida, as demais variáveis sociodemográficas — idade, cor e renda — bem como as clínicas —

comorbidades — não demonstraram uma associação estatisticamente significativa com o desfecho. Esses achados destacam a necessidade de investigações adicionais para compreender melhor como esses fatores podem influenciar a “hora de ouro” e, conseqüentemente, o bem-estar materno e neonatal. Análises futuras devem explorar essas variáveis de maneira mais detalhada, a fim de oferecer uma visão mais abrangente e aprimorar a implementação e os benefícios dessa prática em diferentes contextos.

Palavras-chave: hora de ouro; contato pele a pele; saúde materno- infantil; sistema único de saúde; fatores demográficos e clínicos.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

Origem: Pesquisa.

Instituição Financiadora/Agradecimentos: Universidade Federal da Fronteira Sul. UFFS.

Aspectos Éticos: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul, parecer de aprovação número: 5.761.013.

[1] Isabel Benevides Frossard. Medicina. UFFS. frossardisabel@gmail.com.

[2] Lucas Silva Tedesco Guimarães. Medicina. UFFS.

lucas.stguimaraes@estudante.uffs.edu.br.

[3] Ketlin Angelin. Medicina. UFFS. ketlin.angelin@estudante.uffs.edu.br.

[4] Jackson Menezes de Araújo. Medicina. UFFS. jackson.araujo@estudante.uffs.edu.br.

[5] Natasha Cecilia Silva Vilela. Medicina. UFFS. natasha.vilelacs@gmail.com.

[6] Maria Eduarda da Costa Rodrigues. Medicina. UFFS.

meduarda.rodrigues@estudante.uffs.edu.br

[7] Daniela Teixeira Borges. Mestre. Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo, RS, Brasil. daniela.borges@uffs.edu.br

[8] Shana Ginar da Silva. Doutora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas. Residência Multiprofissional em Saúde. Curso de Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Passo Fundo, RS, Brasil. shana.silva@uffs.edu.br